

Publica-se aos sábados
Sob os auspícios da Liga
Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:

ANNO. 10\$000
SEMESTRAL. 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO
Nas assinaturas para o exterior
há a diferença do porte do Correio.

Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:

EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegraphico: LANTERNA

Toda correspondência ao director

Ovelhas e pastores

(Cenas selvagens do Brasil)

As mais das vezes — com o clamor escandaloso das novidades fortes — a vida rusticana das populações, nas suas correntes, angustia, com toda a força pelas fibras emotivas do fetiche religioso, ritualmente fanático, nervoso e doente.

Ha, por tudo, além, uma resurreição de sentimentalidades latentes: levantam-se as correntes persuasivas das *santas missões*: despertam-nas desde o plasma celular a mais complicada função vital — o medo, simulando um intoxicamento que lhes infundem ao povo de simples talhões, os mais mentes dos frades missionários, gordos, vermelhos, a sua linguagem povoada de fantasmas como uma colmeia de maribondos, dura e incorrecta, tropeja na sintaxe nacional como um alardeado de maldade. A igreja, como a um apriço, corre os campones ignorantes, crassamente imbecilizados, como ovelhas atalhadas pelo pasto alimentício da salvação eterna; e perante as figuras, ironicas e proféticas dos frades de espessas barbas bem salientes, compridas como rabel, — prostam-se em multidão, reverentes, doentes os cerebros onde a paranoia geral lhes escada os nervos, lhes perturba o vitalidade. Rendem-lhes um culto ardente; não aos princípios sacros da fé de que não percebem o enredo metafísico, e sim ao santo pavor, nelles incendiado pelo poderio beatifico dos missionários, solenes, terríveis, como os caros espíritos dum monarca eterno.

Estes lhes não pregam as doctas crístas do paraíso; creto, a humildade triste do Cristo hebraico; o amor humano; a simpatia racional, tudo isso lhes impõe-se com um poderio absoluto — santos e intangíveis — os missionários. E tão grande prestigio attingem que chegam até a avergastar os homens com o cílio grosso dos seus cordões bentos; e elles todos, cheios dum volúpia sagrada, numa orgia sádica de carinhos rudes — choram de prazer, alegres pela penitencia da tunda: não a sentem mesmo. Fintas as missões, verdadeiros ataques de nervose — os frades, com as algebras cheias de dinheiro — transitam para outro logarejo, enquanto, com saudades — os fanaticos se estorcem na loucura religiosa, com um bando de loucos num hospital.

Por isso, das latadas, donde pende a imagem morta de Cristo, triste, secumbrado, explorada pela cetera dos papas, congrua, e muda, como uma pedra — eles, os semeadores de almas, gesticulam inproprios contra os decreantes, enoando aqueles bem acanhados horizontes intelectuais, como, são os de todos os degenerados, no afirmar de Kraft Ebbing — com o brilho medroso do inferno apavorado, vermelho cheio de chamas quentes.

Enchem, na visão espirital das suas predicas, o mundo de fantasmas, fazendo do homem uma criança imbecil, um idiota qualquer.

Adoram-nos, por isso — no compasso macabro das litâneas ferve a nervosa nos fanaticos: agramam-se as psíquicas, excitados por essas predicas mias, como odres que, no afundar, se enchem dum agua suja, venenosa.

Cristo para todos, então, proclamado assim pelos missionários, senhores — é o Deus do medo, o Deus da crueldade, o Deus que não abençoa, que castiga, amaldiçoando por qualquer bugiganga, tudo. Apavora: recrudescer de espanto: horroriza mesmo a alma cretina dos tabaréos credulos. E por isso que Euclides de Oliveira proclama o efeito negativo das

missões, como uma propaganda má e perniciosas.

Turvam, emporcando-a, a sentimentalidade católica do povo, criando em torno — famintos, docentes mores, avergonçando a inflexura do caracter dos homens, humilhando-os; escravizados, devotos, fracos, tornam-se em carolas — esses suicidas das proprias individualidades. Alem disso, essas missões estandardem a crise, fandas; porque as economias de longas datas dissolvem-se em esmoladas piedosas para a engorda, ao depois, da sorna sentimental dos conventos vazios.

E são elas as portadoras antihigienicas das infeccões monocelulares de microbios maus; porque, nestas compactas aglomerações, as doenças confundem-se num único porrejo, num único vomito de imundicias.

Demonstra-o o abatimento economico, especie de atonia social em que tombam as povoadas varridas por semanas inteiras de rezarias monotonas. As crenças evangelicas, pregadas, ha tantos tempos, pelos Anchieta, Apolônio de Todí, Vieira e alguns outros, tristes almas bonodas — empolam-se agora, nas imagens truescas e grosseiras dos missionários, na sua algaravia cantante de italiani maliciados.

Perturbam-se, desprestigiam-se, destruído-se quasi, como uma campina brotada de novo na orgia poeirenta dum vendaval assolapador... E se algum, de maior elevação espirital, a essas catervas de imbecis impõe algumas vergastadas criticas, insurge-se-lhe o mulherio numa azáfama irritada de histericas no cio, praguejando-o, horrores todas: bailam no ar imprecações de feitiçarias; de sebanhas, em torno, gestos indecentes de sajonjais; dentes rangidos, — e por entre eles evocam palavras tremidas duma eterna maldição, — ganem, como lobos esfoameados; e os homens apromptam-se para um desagravo vermelho...

Desta forma, sobre essas multidões impõe-se-lhes com um poderio absoluto — santos e intangíveis — os missionários. E tão grande prestigio attingem que chegam até a avergastar os homens com o cílio grosso dos seus cordões bentos; e elles todos, cheios dum volúpia sagrada, numa orgia sádica de carinhos rudes — choram de prazer, alegres pela penitencia da tunda: não a sentem mesmo. Fintas as missões, verdadeiros ataques de nervose — os frades, com as algebras cheias de dinheiro — transitam para outro logarejo, enquanto, com saudades — os fanaticos se estorcem na loucura religiosa, com um bando de loucos num hospital.

Mario Wanderley.

BIBLIA VERMELHA

A degeneração humana é tão grande, tão tristemente aterradora, que com dolorosa frequência vemos esse povo, promotor de toda a riqueza, produtor único e positivo de todos os confortos e prazeres — pois que sobre as suas enormes espaldas de escravos crendes e prepotentes se afirmam e levantam todos os fundamentos sociais — prostrados, sobre os cumes soberanos do supremo poder social dominante...

Homens-escravos; quando abrirem os olhos? Quando?

Donato Luben.

O homem é dominado, mandado, governado, escravizado, enclausurado pelos seus semelhantes, coisa que se não dá com nenhum outro animal; logo, o homem é o animal mais animal da criação.

São Luis Gonzaga.



Os ardores belicosos dos governantes

Brito Camacho, chefe dos republicanos unionistas, tem feito revelações que lançam uma clara luz sobre o modo como os governos decidem da paz e da guerra e negociam sem cerimonia a pele dos povos.

Verdadeiramente, não há revelações. Já muita gente dizia, à boca pequena, que a Inglaterra não fizera a Portugal pedida algum de intervenção e de remessa de tropas, vendo-se os ardentes guerristas bastante desgostosos com isso.

O sr. Brito Camacho veio dar um murmurio a força e a publicidade da sua situação e do seu jornal, garantindo solenemente que se a União Republicana destruisse ou compartilhasse o poder, Portugal, de pleno accordo com a Inglaterra, pondo-se aliás à disposição dela, não teria de mandar tropas para os campos de batalha onde se batem milhões de homens.

A Grã-Bretanha apenas disse ao seu pequeno aliado que se entrevisse com a defesa do seu próprio território e das suas colónias próprias, resguardando-lhe ela as costas marítimas; e o documento que foi pomposo e jubilosamente dado como um convite à participação de Portugal na guerra europeia não passou dum acedimento um tanto enfadado de um oferecimento anterior.

Nos seus cálculos de milhões, o governo inglês tem certamente como quantidade desprezível o reduzido contingente de soldados portugueses; e as suas notas distinguem cuidadosamente entre o que foi pedido e o que insistentemente foi metido à cara, — não se vá imaginar, como aliás já começou a dizer a imprensa alemã, que a Inglaterra se vê tam embaraçada e falha de forças que até já pede socorro aos mais fracos países.

Chegaremos a saber um dia que interesses de classe, de partido ou de particulares levam numerosos politicos dirigentes a tamanho empenho no envio de alguns milhares de pobres diabos para o matadouro — um crime, como diz o sr. Brito Camacho?

Estas coisas são rigorosos segredos diplomaticos, embora delas dependa a vida de tantos desgraçados, que não percebem patavina dessas manigancias e com elles nada podem ganhar. O próprio "livro branco", que o sr. Brito Camacho reclama, como he fundo nada explicaria ao povo, é dado como impossível nessa occasião... A famosa Razão de Estado é mais uma vez utilizada. Mesmo alguns dos politicos adversos a uma espontânea participação de Portugal na guerra acham abusivas as revelações de Brito Camacho, embora este declare que procurou antes todos os meios de evitar o escríme sem ter de fazer a sua campanha ruidosa...

Nos directamente interessados não tem o direito de saber como os governantes dispõem da sua pele — sua dos interessados, não dos governantes. Os ministros, os deputados, os jornalistas falam muito da necessidade de ir à guerra em defesa da pátria e da liberdade; mas em geral não são elles que vão:

são os outros. Um jornalista proclama: «O novo governo vem de um partido que não se liga com os outros, porque não aceitou a cobardia que elles lhe impunham e porque foi o primeiro a dizer: — Vamos para a guerra!»

Mas aquele *vamos*, primeira pessoa do plural, não se refere ao jornalista nem ao seu partido. O mesmo jornalista, em resposta ao sr. Alpoim, que considerava os guerristas a alimite-reun-se como ele, já alegou que não ia por ter familia a sustentar... Os outros nem respondem: limitam-se a trocar do gordo Alpoim e a caricaturar-lhe o gesto.

No entanto, o soldado moderno, além da técnica e da resistência física, necessita de um ideal, de uma grande paixão: ninguém, pois, mais bem talhado para tam nobre papel do que os nossos guerristas, abarrotados de sentimentalismo e capazes de compreender o alcance desta «guerra de libertação».

Em vez disso, no melhor da festa, fazem-se substituir por pobres soldados à força. Falam de liberdade, de democracia — e mantem nestes negócios as cores sobrevivências do regime de compreender o alcance desta «guerra de libertação».

Em vez disso, no melhor da festa, fazem-se substituir por pobres soldados à força. Falam de liberdade, de democracia — e mantem nestes negócios as cores sobrevivências do regime de compreender o alcance desta «guerra de libertação».

LISBOA, 28 DE DEZEMBRO DE 1914.
Nuno Vasco.

A Justiça no Evangelho

Estado-se por justiça a virtude que nos impelle a dar a cada um o que lhe é devido.

Assim o entenderem todos os povos presentes e passados: assim o definem todos os dicionários modernos.

E exacta a definição: negar a alguém o que lhe é devido é uma injustiça clara e manifesta.

Mas esta verdade tem sido coberta pela malícia dum sofisma, e a ignorância cometeu uma injustiça invocando precisamente as palavras do Evangelho.

Dar a cada um o que lhe é devido é uma formula absoluta que não admite condicção alguma que a limite.

Diz o Evangelho que um homem que senta se frequencia da carne, juntamente com as grandezas infinitas da divindade, interrogado uma vez sobre se era justo pagar tributo ao Cesar, reparando nas inscrições duma moeda, respondeu: «Daí ao Cesar o que é do Cesar e a Deus o que é de Deus».

Os commentaristas theologos, tanto catholicos como protestantes, estão de accordo ao afirmar que Jesus quis com isto dizer que a cada um se deve dar o que lhe é devido; isto é, com aquellas palavras que exprimem a formula absoluta da justiça.

Que é o Cesar? Um homem de natureza igual á de todos os homens, constituído pela desigualdade e pelo privilegio em dono e senhor dos seus semelhantes.

Que é Deus? Um ser imaginario, pois que os proprios crentes dizem que é sobrenatural e incompreensivel, que se acha fora de todo e qualquer contacto e relação com os homens.

A moeda, como alal de troca com o qual se pode adquirir tudo,

representa a riqueza universal, e como tras o busto e o nome do Cesar, toca ao Cesar segundo maxima evangelica.

A parte moral do homem, o que em nós produz o pensamento, a imaginação, a vontade e o sentimento, considerado pelos crentes como um ser immaterial dentro do nosso ser material, embora a sciencia repudie semelhante dualismo, pertence a Deus, se damos credito ao Evangelho.

Logo, tudo o que o homem descobriu com o estudo, modificou com o trabalho e reservou com o previsto, tem ele que o entregar a um homem igual aos outros homens; e o que constitui a essencia do ser, a parte mais nobre da existencia, tem que o anular para o entregar a um ser imaginario, cuja existencia não se manifesta nem se torna perceptivel a nenhum dos nossos meios de conhecimento, pois que não se vê, nem se ouve, nem se cheira, nem se apalpa, nem se saboreia, nem sequer se concebe por indugção racional.

E se a Deus e a Cesar havemos de dar tudo quanto possuímos e quanto somos, que resta para nós? Se a cada um delles se ha-de dar o que lhe é devido, quem nos dará o que nos é devido a nós?

Assim, temos que dar sempre, sem esperança de que nos caiba a reciproca.

E nem todos dão, ou pelo menos tentam dar o que são os outros, reservando para si uma parte consideravel. O privilegiado paga ao Cesar, mas é com parte da riqueza acumulada com a exploração; e como o que para si reserva ainda amontoa patrimonios dignos de se comparar com os dos reis mais poderosos. O acorrido, como virio inerte de todos os encargos sociais, nada dá ao Cesar, nem tampouco a Deus, desprovido de meios para receber, contentando-se com pregar uma moral cuja existencia se exprime pela conhecida formula: faze o que eu digo, não fazas o que eu faço.

De modo que se torna evidente que, com a maxima: «Daí ao Cesar o que é do Cesar e a Deus o que é de Deus», longe de se estabelecer uma formula universal de justiça, apenas se cimenta a injustiça.

«E' necessario que Deus para a canalha», disse um filosofo, — não sei se como um conselho aos tiranos e aos exploradores, se como uma excitação á dignidade dos oprimidos e dos explorados.

«O povo tem e paga», disse um pensador mais expirmit gradatamente a nossa abjeção moral e material.

Nisso veio a dar a justiça segundo o Evangelho.

Não; a despeito do Evangelho, nada devemos ao Cesar. A Terra é nossa, isto é, de todos; não nosas as terras todas da natureza, enquanto re conhecemos e as subjugamos por meio da sciencia; nosas são as riquezas com tais elementos produzidas.

Não; a despeito do Evangelho, não podemos adibir, por pouco que seja, do que constitui o nosso ser, o se um fanatico que a si proprio se chamou Deus pode dizer «quem quiser seguir-me, que se negue a si mesmo, tome a sua cruz de cada dia e venha», fique sozinho na temeraria pretensão, pois não nada devemos a Deus.

Do Evangelho não existe, pois, a justiça.

Não, como seres humanos, que aspiramos ao desenvolvimento das nossas faculdades, e como trabalhadores, que não queremos repartir o fruto do nosso trabalho com mandriões e embusteiros, detestamos o Evangelho.

A' iniqua formula evangelica podemos oppor outra, não revelada por poder sobrenatural algum, embora absolutamente racional e justa: «Não ha deveres sem direitos: não ha direitos sem deveres».

Anselmo Lorenço.

A continuidade da submissão sem limites e sem tréguas acaba por quebrar toda a energia moral; por entretacer o homem num servilismo cego.

Ch. Letourneau.

O PADRE

A caridade, essa sublime virtude que tem um certo poder suggestivo no meu coração, criando nele os poemas do sentimento e as epopeias do sublime, é a doutrina pelo padre. O poeta, idealista culminante, apostolo fervoroso da religião do amor, faz-lhe da alma um templo, do coração um sacrario e do peito um altar e bece-lhe, no tear da ideia, uma illada de trufões, da glória e nobreza, das tintas do sentimento e da vida com o sol do genio.

O escultor, incensando-a com os ideais perfumes da sua alma, apresenta-a á contemplação, mostrando assim que a todos pode estreitar no seio do amor a sua terna e doce caridade.

O pintor faz-lhe reviver na sua tela e mostra, a esses almas iscasas de latria, hipnotizadas de misérias e roídas de vaidade, que ella é o Evangelho Social.

Para mim, que ero na catedral do Infâmio, a caridade é uma ostia d'aurora e o peio que acalenta um céu estallido.

Pois para o padre é uma palavra vazia de sentido.

Ele, que foi a maior causa da mobilização de pensamento nos povos latinos, envolve em rancor tudo quanto é nobre e anatematiza tudo quanto é grande.

Recebeu a sciencia com a fogueira do chamado Santo Offício e meteu nas marmotas felicitosissimas os apóstolos da liberdade.

A justiça para elle não é o cerebro que pensa e o coração que sente, é a mão que, por uma interferencia brutal de poder, por uma organização abusiva de influencia e de pressões que um habito condenavel transforma em principio corrente, cumpre e escuta a iniquidade que uma maldade.

A igreja, humilde no seu inicio, com os seus martires cheios de fé e de crença, tornou-se em pouco tempo arrogante e prepotente, expandindo o mundo com o seu fausto e não raro com os seus crimes e os seus vícios e crimes os mais repulantes, vícios os mais hediondos.

Que o diga a reacção, filha desses tempos, cujos maneios, umas vezes ensangados e outras victoriosas, se amiam ainda hoje, entre os homens, a discórdia, um tumultuar infrene de paixões e de ambições, que tudo pode ser menos a exemplificação das Doutrinas de Jesus. O que foi a Reforma senão o grito das consciencias revoltadas deante dos abusos e das perversidades da corte de Roma? O que é a historia da Idade-Média senão o quadro extraordinario de uma guerra religiosa das lutas do papado e do poder secular, em que a igreja, passo a passo, impõe a sua vontade e o seu dominio aos povos e aos reis?

Quantos crimes e quantas infâmias, quantos latrocinios e quantas batizesas tem praticado em todos os tempos o jesuita de solaina ou de casaca?

As guerras religiosas, mais do que nenhuma outras, ensanguentando o mundo, antes e depois que

Franciscanas

Leitores: Era uma vez...

Um frade que, por ser frade, Sã de noite, si des, Do Convento de Ilhmdade.

Não vejo nada de mal No fado do nosso frei, Pois isto é o tipo natural E não está fora da lei.

Porém um sum-zum corria Na boca do 26-Povinho: Falava de Frezquezando Dum amor do capuchinho.

A noticia desse amor Espalhou-se na Abadia, E incontinent prior Acabou com a folia.

Foram fechadas as portas Do Convento da Irmandade, Para que não houvesse mais Nô saisse nenhum frade.

S. Carlos — 1915.

Alfredo C. de Sousa.

Jesus pregou a paz, acalmando imperios e esmagando povos, o que tem sido senão o mais completo desprezo pela inviolabilidade da vida humana?

O padre afirmava que toda a ciência estava nas escrituras. Foi então que se estabeleceu a ciência sagrada e a ciência profana. Surgiu a luta, porque se formaram dois partidos. Um guiava-se pela razão, o outro pela revelação.

No Egito rebelei uma disputa sobre o misterio da trindade. Lá por algum disse que, em certo paiz do Oriente, uma mulher concebeu e deu a luz sem cópula, a clareza da lantana o anatematizou e dava penas eternas a quem não acreditasse.

Eu nunca acreditei, porque a geração é dependente de um acto físico e todo o resultado material deve ter uma causa material.

Não acredito na supremacia episcopal do papa, em nem mesmo os católicos podem crer, porque a ela se opõem os textos dos livros apocápticos, e muito especialmente as Epistolas de S. Paulo.

Não creio na eucaristia, porque as substancias me são conhecidas pelas suas propriedades; e as propriedades do pão subsistem após a benção sacramental. Os providencialistas, os homens que admitem a teoria da graça como adocção da teoria da queda, vêem isto como rancor.

Mas, como já dizendo, no Egito rebelei uma disputa e a doutrina tornou-se violenta, reunindo para a acção um concilio de Niceia. Teodosio instituiu os inquisidores da fé e ordenou que quem não pensasse como Damascio, bispo de Roma, e Pedro, Lupo de Alexandria, fosse condemnado a desterro e privado dos seus direitos civis. Mas o que é a trindade católica senão a trindade de Braham, Shiva e Vishnou, as tres formas da existencia universal, não é senão a trindade de Buda, Dharmas e Sangha, senão a trindade vedica de Savitri, Maya e Vayana-Savitri, que no ventre da virgem Maya por inspiração de Vayana — o vento — se tornou aqui — logo celeste?

As proprias doutrinas do Cristo são um plagio, mais ou menos perfeito, das Doutrinas da Índia Sagrada. É a parte a imitação, que absurdo em todos os misterios ou dogmas!

Que atropelo a ciência, que atentado contra a razão!

Depois das descobertas científicas o sistema religioso baqueou cheio de ridículo com todas as suas teorias e explicações da criação do mundo, do nascimento do homem e da evolução da espécie.

As descobertas geológicas, de tamanho auxilio a antropologia, que por vezes as duas ciencias se confundem, como esta se confunde com a historia e a historia com a sociologia, confirmaram os trabalhos de Schmerling, e deterram por terra a lenda da criação, bebida por Moisés nas tradições indianas que os imigrantes trouxeram para o Egito, e a lenda do insulso Adão e da senadora Eva.

Darwin, reconduzindo o homem á sua verdadeira origem de pura animalidade, deu por terra a lenda bíblica do Jachová, o deus, fabricado do homem de burro e mulheres de costeletas de Adão. A bíblia attribue ao nosso planita, de que a lua é o satellite, seis mil anos, quando está averiguado que seriam necessários nove milões d'anos só para tornar as camadas profundas da lacia hulheira de Northumberland.

Luobock diz-nos que foram necessários 150 milões d'anos para que o World ficasse nã de montanhas ou fosse reduzido a vale, calculando que uma montanha de 500 pés de altura diminuisse uma polegada por seculo. Bischof demonstrou que nem menos de 350 milões d'anos foram necessários para que a terra descesse á temperatura actual. Buehner igualmente prova que as camadas terrestres precisaram 500 a 700 milões de anos para se constituirem na forma que geologicamente apresentam. O geologo inglês Vivian, por um resto humano que encontrou na caverna de Kent, perto de Torquay, sustentou, com dados incontestáveis, que o homem contemporaneo dos elefantes e dos rinocerontes, existia já na Inglaterra há 264.000 anos.

O homem existiu, sem dúvida, antes do fim da época terciaria. O patriarca das ciencias biológicas calcula o aparecimento do homem primitivo em sessenta milões d'anos antes de nós. Que grande diferença vai para o que nos aponta a igreja, que diz que Deus fez o mundo em seis dias, e até hoje ainda não fez mais nada.

Albino Bastos.

Os grotescos

A guerra desenvolveu nos paizes beligerantes os sentimentos baixos e torres, assim como a tolema dos homens. A este proposito, diz La Bataille Syndicaliste:

"No fim da guerra, poderá fazer-se um grosso volume, uma especie de livro de ouro de todos os grotescos que neste momento deixam solta a sua imbecillidade, não reafirmados por censura alguma. A censura, pelo contrario, abre-lhes a via, sufocando tanto e qualquer pensamento elevado e pondo os ao abrigo de qualquer critica e de qualquer ironia. Mas que collegio a pregar com alfinetes, desde o que se dedica a demonstrar que Beethoven não era alemão, mas belga, até aquele que quiz apresentar o exercito com o fomenento de bacalhau seco, com a condicção de ser o bacalhau comido á sexta-feira!... A nossa época está acumulando infamia e ridículo que não chegam para enjugar e fazer rir no mesmo tempo as vias gerações mais proximas."

Moutro ponto, oberra o mesmo jornal:

"O sr. Renato Doumic é dos que não querem distincção entre a Alemanha actual e a Alemanha de 1914. A Alemanha filosofica, poetica, sonhadora, familiar, humanitaria, se existe nos livros de Madame de Staël — a dar credito ao academico. Que diria o sr. Doumic, se algum panegirista affirmasse numa folha d'alemanha que a França artistica, generosa, humana e gloriosa é uma tabula e que os estíes á França de Marcel Prévost, Paul Bourget, Léon Bonnat, René Bazin e do mesmo sr. René Doumic? A França felizmente, tem representantes mais gloriosos do que esses senhores."

Opinião dum anarquista inglez

Os efeitos da guerra

sobre a fé religiosa

Já não faltam indícios de que, como consequência d' guerra, está sendo reconsiderada seriamente toda a questão do deísmo. Não temos que nos esquecermos de que a guerra, com tal exame. E isto não obstante o facto de em certas partes — especialmente em França — haver uma revivescência temporaria de superstição. «Se Deus é um deus de amor e de piedade, porque permite esta terrível guerra?» Tal é a pergunta que de todos os lados se faz. E não é provavel que estas duvidas sobre a omnipotencia e amor divinos sejam ajuetadas pelas desesesperadas e contraditórias que encham as paginas da imprensa religiosa. A tarefa de justificar as vias de Deus para com o homem — nunca facil para o teologo vulgar — apresenta hoje difficuldades que põem á prova até ao ultimo grau a sua habilidade teologica. De facto, as suas explicações não fazem senão agravar a sua má postura.

Assim, dizem-nos que a guerra foi mandada como castigo dos pecados do povo inglez. Sejam quais forem as iniquidades nacionais dos ingleses, todos estão de accordo em reconhecer a inocencia nacional dos belgas. Contudo, parece que no caso da Inglaterra a justiça divina se contenta com o aumento da contribuição sobre o rendimento e ultteriores impostos sobre o chá e a cerveja, ao passo que os inocentes belgas que sobreviverem a esta nefasta guerra da colera de Deus tem que assistir á desolação do seu paiz, á destruição das suas cidades e lares e á chascina dos seus desgraçados compatriotas! A'ém disso, se o Kaiser deve assim ser tomado como instrumento da «justiça» de Deus, os seus dizeres «obtemperatórios» são justificados pelos seus inimigos clericais.

Com pena me abstenho de dar outros exemplos de raciocinio clerical. Ha, porém, um argumento escolhido, digno de menção: é uma teoria acolhida com muito favor pelos devotos e da qual se diz que conquista muitas adesões. Segundo ella, a guerra e males concomitantes devem-se ao facto de «ter sido

desencadeado o Demónio». Falta-nos o espaço para desenvolver esta notavel hipotese e formular as muitas difficuldades que ella suscita...

Podemos, pois, confiadamente esperar que um dos resultados da guerra será tornar a ideia de «Deus Padre Omnipotente» uma concepção impositiva nas mentes da parte mais intelligente do operariado europeu, tornando-o portanto mais accessivel aos ensinamentos anarquistas. A experiencia prova que o tempo de Deus, longe de ser o principio da sabedoria, é o começo da ignorancia e da superstição, é certamente a base do culto do feitiço Estado e da sujeição á classe capitalista. E' portanto dever nosso abalar essa illusão e fali-lar assim a destruição das outras.

A guerra em todas as suas fases é a mais fríante lida de coisas que se ofereceu á propaganda revolucionaria nos ultimos cem anos. Podemos indicalla como a mais forte justificação da nossa guerra á religião, ao Estado e á moral capitalista. O mais selvático pesadelo jámais concebido pela desordenada imaginação dum inimigo nosso quanto aos efeitos duma «revolução sangrenta» ou da «destruição da sociedade por anarquistas sanguiscentos», de que tanto ouvimos falar até aqui — mas que os nossos adversários terão decerto vergonha de mencionar para o futuro — empalidece na mais completa insignificancia ante a abominavel realidade do inferno de sangue, carnificina e bestialidade em que os desgraçados povos europeus foram precipitados pelos seus governos capitalistas cristãos.

Nesta guerra estão sendo destruidos os fundamentos mentais da sociedade capitalista. Aos revolucionarios cumpre compreenderem este facto e contribuir para essa destruição com todos os meios ao seu alcance. Cabe-nos o assentamento das bases mentais duma forma social mais alta e mais nobre do que a que marcha cambaleante para a sepultura nas trincheiras ensanguentadas da Europa.

O ideal de Deus será substituido pelo ideal de humanidade; o Estado com as suas tiranias pela communa anarquista com a sua liberdade; a guerra com as suas indescriveis atrocidades pela fraternidade entre os trabalhadores do mundo unidos numa verdadeira e imorredoura paz.

Otto Leroy.

Infame exploração no Noroeste

Falta de pagamentos — Comestíveis carissimos — A patulancia do parasita Melo Machado

Entre as estradas do terro que exploram e roubam os seus operarios, a Noroeste é uma das que sempre se têm destacado, pois o sr. Machado Melo, como bom burguez, tem sido um dedicado amigo dos seus trabalhadores. Como prova basta recordar a greve do ano passado em que ele por telegrama dizia: «obrigue-se a trabalhar o pessoal pela força», apesar de ha nove mezes não lhes ter feito pagamento! Logo os operarios, num gesto nobre, activo e honroso, responderam á insolencia velhaca e atrevida do cidadão Machado, que no Rio vive cheio de confortos e comodidades e quando eles victimam passando necessidades, sofrendo as perigosas febres e alimentando-se á bananas, quando se encontravam!

Responderam-lhe do cabeça levantada, que não iriam mais para o serviço enquanto não fossem pagos integralmente, e do contrario dariam graves prejuizos á companhia, danificando a linha, machucando, e pena foi que não o fossem, pois que agora não estavam novamente abusando da sua bondade. A violência deve ser praticada sempre que os exploradores a isso nos obrigarem. Nada de vacillações nem medo dos castigos da policia, procuremos boas armas e enfrentemo-las heroicamente quando for preciso. A Companhia Noroeste com o pretexto de crise (a capa dos patifes e a sem vergonha), já ha quatro mezes que não faz pagamentos e além disso os generos que fornece no

peosso são por preços escandalosos. No armazem de Araputuba estão vigoriando os seguintes: quinze kilos de toucinho, 22.000; uma saca de farinha de trigo de terceira com 45 kilos, 22.000; um saco de arroz de terceira qualidade, 28.000; um saco de 50 kilos de batatinha, 30.000. O trabalhador que tiver familia, não ganha para mantela, nem mesmo a meia ração!

Actualmente as pessoas que saírem da Estrada, por qualquer circunstancia, não recebem o seu dinheiro: têm que aguardar o pagamento. Isto dá-se ao paiz mais rico do mundo e onde o trabalhador goza de maiores regalias... pelo menos a de morrer de fome...

AOS ASSINANTES DE S. PAULO

Concedamos então a proceder á cobrança das assinaturas da cidade, estando encarregado desse serviço o sr. Lino Garido.

Confiamos na boa vontade dos nossos assinantes para que o resultado desse trabalho corresponda ás necessidades de nossa administração, agora á braços com as grandes difficuldades oriundas da crise.

Os amigos do jornal que não puderem ser facilmente encontrados, farão o obsequio de deixar em casa a respectiva importancia, para poupar trabalho ao nosso cobrador.

DEUS PARRICIDA

Ea sabia, disse Tomas Paine, que as leis inglesas a norte americanas condemnava á morte um pai que tivesse assassinado ou deixado assassinar seu filho, podendo impedir. Hoje ainda o parricidio é punido com a morte. O Deus dos cristãos enviou á morte seu filho Jesus e deixou que o matassem, podendo opor-se a isso. Portanto o Deus dos cristãos cometen um parricidio e mereces a forca.

Servir, adorar um parricida, prestar-lhe culto é abominavel; é, pois, abominavel servir, adorar um Deus parricida, render-lhe culto.

Por outro lado, porque mandou Deus assassinar seu filho Jesus? Porque esse Deus não quiz perdoar o enorme, o imenso peccado de terem cometido um crime velado a Adão e Eva, e porque era preciso pagar-lhe os seus descendentes esse delito. Mas em vez de os obrigar a pagar, mandou do céu seu filho Jesus para que eles o matassem, e graças a esta morte perdoou-lhes a falta que eles não tinham cometido. Haverá coisa mais absurda do que isso!

Finalmente, diz Paine, ha milhões de milões de astros no espaço; a Terra é um dos mais insignificantes. Contudo, os padres garantem-nos que o eridão de todos esses astros quiz sacrificar o seu proprio filho só porque um homem e uma mulher, neste astro insignificante, cometeram uma macia. Em lugar de admitir a enormidade, devemos declarar que os padres que a sustentam são miseraveis impostores.

João Serapio Lols.

A GUERRA E OS CLERICAIS

Guilherme II declarou-nos a guerra. E' exacto. Mas enquanto se preparava raiosamente para isso, os nossos clericais e reacionarios provocavam-nos nas colunas das suas folhas belicosas.

E, desde o inicio das hostilidades, os jornais bem-paivados, registando um despertar do sentimento religioso, tem affirmado que se vai fazer a reconciliação da França com o papado, que homem de bafé ouberia ne ar que, nas reuniões de certa sociedade, ouviu attribuir á guerra a capacidade de realizar essa reconciliação?

E, segundo não se esqueçiem de garantir os oradores, tal accordo era muito mais desejavel para a França do que para a Igreja, pois a França sem a Igreja havia de ser presa do Socialismo.

Eis em que termos nos era apresentado o socialismo: «... E' a síntese de todas as impiedades, de todos os absurdos filosoficos, de todas as extravagancias economicas e sociais que fazem no fundo do sistema liberal. E' o filho legitimo do Liberalismo, tendo este sido gerado pelo Racionalismo.

Os sem trabalho

e a policia

Segundo a imprensa burguesa, o sr. Eloy Chaves, chefe de policia do burgo, fez baixar uma circular, recomendando aos seus subordinados a perseguicao aos vadios que paravam pelas ruas e logradouros publicos.

Este estafado argumento de que confundir operarios desempregados com vadios do profano é já velho e não nos impressões demasiado.

Pens é que os proletarios não compreendem o jogo da policia e dos politicos e não procurem acabar com uma sociedade que obriga os trabalhadores a serem vadios forçados, por falta de quem lhes alguns os braços onde empreguem a sua força, a sua habilidade e actividade.

O governo, na ansia de provar o paiz á força, manda comissões de ouro á Europa escarrigadas de propalar nos quatro cantos do universo que o Brasil é um paraíso terrestre onde ha arvores de patacas, a que o unico trabalho dos europeus ao cá chegarém é unicamente social-las, apunhar os cobsos no chão, embolsa-las e voltarem, quais outros nababos, ao paiz de origem dissipar loucamente o que tão facilmente adquiriram.

Ora ao attribuir-se a este paiz o qualr é bastante mau tetrico. Não só se não ganham rios do dinheiro trabalhando, achando enegregar a actividade, como falta o trabalho extraordinariamente, tendo-se um trabalhador obrigado a andar de chapéu na mão de Herodes para Pilatos, a pedir, a suplicar que lhe aluguem os braços a troco de misero, de ridiculo salario para não morrer de fome. Prá trabalho como se fosse esmola!

Mas com a crise que vem assolando o mundo ha 6 mezes, com a guerra que se fere na Europa, então as desgraças, a miseria do mundo operário subiram de ponto, atingiram o aguiar, tornaram-se uma calamidade. Ninguém tem trabalho certo, sequer não ha casa operária onde todos os quasi todos os seus membros não estejam de braços cruzados, não desejando sendo ardentemente encontrar trabalho, qualquer serviço para arranjar um bocado de pão; não ha tugurio, cortico ou choupaca que não tenha, nesta quadra dolorosa, sentido os horrores da fome, da falta de trabalho e de credito.

Os chefes de familia, os operarios velhos ou novos não hão de por este facto ficar encorçados dentro de quatro estreitas e acanhadas paredes contemplando o triste quadro da miseria domestica, ouvindo os soluços, os gemidos e as suplicas dos filhos pedindo pão!

São, perambulando pelas ruas, sentam-se nos bancos deses largos e jar, não pensando talvez que esta sociedade é o bem hipocrita quando diz que «a preguiza é uma de todos os vicios» e obriga tantos milhares de braços a uma preguiza torçada, obrigada, verboratoria.

E a isto chama a policia e a imprensa apagaçada «vagabundagem», «vadiagem» e outros titulos deprimentes. Têmham pejo, senhores! Não procurem tapar o sol com a peneira, por favor!

Não afrontem a dignidade dos miseraveis!

Sim; já sabemos onde lhe dóe. Conhecemos onde lhe aperta o calo. Esse espectáculo é pouco edificante para os estrangeiros que nos visitam, para os diversos Chaixes que travessam o Oceano para observar o desenvolvimento economico e industrial deste paiz. Mas tenham paciencia. Astar de tudo, é impossível prender todos os desempregados que existem. Depois de todas as pilhas cheias, ainda hão-de ficar os suicidas que documentam as falhas e os crimes desta sociedade corrompida.

E vós, operarios, continuareis a assistir impassiveis ao desmoronar desta tragica e torcida fita, sem procurardes nã-vos, discordeis em com as comuns misérias e procureis os meios de pôr um parafuso a esta situação insustentavel, miseravel e vergonhosa?

Continuareis a morrer de fome e a passardes por vagabundos, ou tereis uma saudavel energia e vingarão de modo a fazerdes valer o vosso direito á vida?

Associai-vos, organizai-vos, defendei-vos!...



Secção amena

Uma folha clerical, Pelerin, biographando S. Bonifácio Mo-naldi, escreve:

«E' de notar este facto: logo que S. B. nã soube balbuciar algumas palavras (mamãe ainda), consagrou-se espontaneamente a Deus e tomou a resolução de em tudo imitar a Virgem Santissima...»

O que? Também concebeu por obra e graça do Espirito Santo?!

Um amigo dum cardinal perguntou a este por que razão tinha uma bela cruz... e respondeu: nunca ia. Resposta do cardinal:

Você não sabe que devemos ter sempre um sitio onde nunca vamos e onde imaginemos que havíamos de ser felizes se lá fôssemos?

E o amigo, maliciosamente: — Bem sei: é a isso que os padres devem a sua riqueza e o seu poder... A sua casa de campo é como o paraíso...

O capião repreende um marinheiro porque este não cumprimentou o capelão de bordo: — Você não sabe que o padre é o representante de Deus na terra?

Na terra pode ser, mas aqui estamos no mar.

O confessor: — O seu dever de boa cristã seria recusar qualquer prazer durante a quaresma, para mortificação.

A nefessa: — Nesse caso, vou adiar o meu divorcio para depois da pascoa.

OS VENDEDORES DE JORNAIS

É para nós motivo de recórdio cada vez que se organiza uma classe em sindicato profissional, que tenha em mira o melhoramento material, moral e intelectual de seus membros.

De dias para cá está preocupando a vários jornais a organização desta associação dos vendedores de jornais em S. Paulo, e que se intitula "Associação dos Vendedores de Jornais de S. Paulo".

O número de vendedores em S. Paulo é aproximadamente de 700, desde o velho diário de São, ou 8 anos, destas, muitas obrigadas pelos próprios pais, outras, a maioria, por necessidade de ganhar o pão cotidiano.

O serviço da venda de jornais é feito da seguinte forma: o "despachante", ou seja o chamam, recebe o jornal da empresa, e, por sua vez, vende aos vendedores, e os quais alguns tem os seus pontos ou zonas e si servem a sua frequência. Nos bairros, os que tem pontos para sua vez tem "avachos" que os ajudam a gritar, e os jornais de dia, espalhando, assim, as "verdades" dos grandes rotativos.

Como compreendemos os nossos leitores, a organização desta classe é de uma importância extraordinária, pois, desde que estejam agrupados e sejam solidários, da atitude dos vendedores dependerá em parte a vida de qualquer jornal, sobretudo se for diário.

Ora, nós não podemos deixar de aplaudir a iniciativa da fundação da Associação, porém queremos ser francos, como os nossos amigos vendedores, como o fomos quando tivemos ocasião de falar à respectiva diretoria. Como classe, tendo o direito e deveres organizados e tratar diretamente dos seus interesses: regulamentação do trabalho, o salário e procurando destruir toda e qualquer injustiça de que sejam vítimas, venha de onde vier, e assim procedendo, conseguiremos elevar o nível moral e intelectual, e maior soma de bem-estar para os componentes da classe.

Para conseguir isto, preciso é que todos estejam agrupados, unidos, na associação. A associação já está fundada, porém os seus estatutos se retemem em parte de falta muito graves para uma sociedade desta natureza.

Entre outras, a cláusula que mais nos preocupa é a seguinte:

Quando for dada a publicidade em S. Paulo algum jornal de opinião, e diretoria, de quem acordo com o conselho jurídico da Associação, resolver a conveniência ou inconveniência de ser vendido o mesmo pelo sócio vendedor de jornais.

Os próprios vendedores, na ausência de melhoras as suas condições e garantias os seus direitos, não mediram o alcance desta cláusula e aprovaram os estatutos tal como foram compilados, sem terem refletido bem sobre as bases fundamentais da Associação. Esta cláusula envergonha a sociedade e coloca a posição de traidores dos próprios interesses morais e materiais dos vendedores.

Vamos prova-lo com argumentos. Suponham os vendedores que amanhã surge um jornal de oposição, que procura dizer a verdade, elucidando o povo e procurando orientar a opinião pública sobre todas as questões de interesse coletivo, garantindo assim as liberdades conquistadas e conquistando outras. Pela sua natureza este jornal tem que ser procurado pelo povo.

Ela aqui é a ocasião, o momento em que o consultor jurídico da Associação, se é pouco escrupuloso, aproveita a oportunidade, vai ao governo e diz-lhe:

— Eu, na qualidade de advogado da Associação dos Vendedores de Jornais de S. Paulo, me proponho a fazer cessar a publicação desse jornal, deliberando em assembleia que ele não deve ser vendido, porque este ou por aquele motivo, mas este trabalho deve ser bem pago.

O governo, ou o polícia, acede, porque lhe dizem que não haja jornais que digam a verdade, todos, que defendam as liberdades públicas e descubram as maldades dos poderosos. Convidados desta necessidade escorregam como o cobre para o advogado.

Este, por sua vez, procura então

convencer a diretoria da Associação, ou a ela, desta ou daquela forma, e se ela não está comprometida de sua verdadeira missão, será obrigada. E como na cláusula se diz que a diretoria e o conselho jurídico são suficientes para resolver este assunto, ver-se-á a classe toda privada de vender um novo jornal, contribuindo a diretoria, desta forma, para o prejuízo material da Associação e da classe em geral.

Sob o ponto de vista moral esta cláusula é um atentado à divulgação da imprensa e em nenhuma parte do mundo há associação operária que tenha tal dispositivo nos seus estatutos. É preciso, pois, que esta disposição dos estatutos seja imediatamente revogada por uma assembleia geral da sociedade.

O dr. Joaquim Coutinho, quando organizou os tais estatutos, não imaginou o alcance desta cláusula, não soube o que fez ou, por que não deixou pra cá aproveitar-se da ocasião para os seus interesses pessoais, ludibriando a boa fé dos vendedores de jornais.

Se está em boa fé e quer o engrandecimento desta classe, como diz, é preciso que seja o primeiro a pedir a revogação da tal cláusula. Se ele se opuser a tal, tanto o direito de duvidar da sua sinceridade.

Feito isto, devemos procurar convencer todos os vendedores, sem exclusão de nenhum, e todos unidos, como uma só família, lutar para conseguir maior soma de bem estar e liberdade.

Religião e discussão

«Não se pode discutir sobre religião», é um aviso que vemos, não muito raramente, pregado nos logares onde há ou vai haver uma reunião de indivíduos de ideias religiosas diferentes. É um aviso que poderia servir de desculpa de evitar conflitos graves, que poderiam adquirir dimensões fúteis entre apologistas de ideias diversas, outros mais predores, não logo colocando cartazes proibitórios na certeza de se previrem os ataques insolitos, e no mesmo tempo inutilizarem a futura ou presente reunião das discussões inúteis.

A ideia de se falar sobre religião já está pouco a pouco caindo dos costumes da sociedade e actualmente não há indivíduos que, tendo-se em conta de bem educado, tenha o desplante de provocar em um discurso sobre ideia religiosa.

Infelizmente a boa educação e o aperfeiçoamento dos hábitos sociais fizeram cair esse belo assunto das animadíssimas discussões de outrora, que eram uma fonte copiosa de inimizades e intrigas que surgiam no seio das famílias.

Essas discussões entre adeptos de religiões diversas, por vezes violentíssimas, tinham um só fundo de bom: era a expansão da liberdade de pensamento, origem da bela e conscienciosa doutrina da livre-pensamento; mais frequentemente essas mesmas discussões produziam regulados os mais destampatórios, pois a falta de dialética de muitos advogados das causas nobres davam o ganho a outros partidos que se arvoravam, com inclemente, em vencedores.

Todas as religiões são boas, afirmavam categoricamente os nossos avós, quando queriam

por termo a uma discussão acalorada que pretendia desobedecer ao código do bom-tom.

Actualmente completamos essa frase acrescentando da doação dos defensores de ideias tolas da seguinte maneira: Todas as religiões são boas, o erro está em pretender praticá-las.

Dizendo assim, nada mais fazemos do que recordar uma definição de religião há tempos dada por um livre-pensador: «Religião é uma teoria que não pode ser posta em prática».

Não pode ser posta em prática, acrescentava ele, por ser absurda e o absurdo é impraticável.

Nas mais raras vezes opiniões sobre vantagens da religião na sociedade, há, a par com os mais formidáveis di-parates, uma forte dose de hipóteses inaceitáveis, e o desaparecimento da religião como assunto de conversação não alia rotas de nossa sociedade de hoje.

Para se persuadir uma pessoa, que tem ideias errôneas, que está indo mal em seu modo de pensar, não há mais necessidade de longas e acaloradas discussões; basta unicamente que, a nosso favor, linchemos mão de factos, pois não dizer dos velhos apologistas — contra factos não há argumentos.

Por esse meio bastante seguro para convencer-mos os espíritos mais intratáveis, chegamos sempre a resultados bastante satisfatórios.

Haverá algum meio mais barbaresco de extermínio do que a guerra? De certo que não, e no entanto a religião tem produzido mais vítimas do que muitas guerras consecutivas.

A ignorância é a comparsa inseparável do fanatismo e este tem por resultante o atrazo moral dos povos; na imensa escola da vida recebemos os mais puros ensinamentos que devemos acatar e esses ensinamentos não implicam senão na ruína total da ideia religiosa.

Só a fraqueza moral é que pode implorar, nas horas de angústia, pela religião falsa e embolorada de ideias ainda mais falsas; os verdadeiros espíritos sofrem as mais cruéis adversidades sem irem mendigar carinhos piégas nas futilidades religiosas.

É preciso que todos nós nos comprometemos de que só há uma religião verdadeira: a da Natureza; um só deus imutável: o do saber.

Felix Ausmeir.

Grupo Dramático Anticlerical do Rio

Sábado, 6 de fevereiro, às 15/15 horas, realizou-se um espectáculo de propaganda no salão do "Centro Galego", sito à rua Visconde do Rio Branco, 51, em benefício da Liga Anticlerical do Rio de Janeiro.

Programa: 1.º O Exemplo, drama social em 3 actos de Cesar Mendes; 2.º O Povo de São Paulo, a interessante comédia em 3 actos de Nery Vazco; 3.º Baile familiar.

Todos aqueles que não tiveram ingressos e que desejarem adquiri-los, poderão dirigir-se ao camarão Maximino de Macedo, na sede da Liga, à rua do Areal, 33, todas as noites, das 20 às 23 horas, ou ao porte, no dia do espectáculo.

perar se no torrente dos prazeres profanos. Uma moçona gitana, um pouco parecida com a Inez, deu-lhe o seu amor não desinteressado, por algumas horas.

Só depois de ter consciencializado sacrificado à Venus, Baco, Comus e outras divindades das mesas rixosistas, é que Santafério, montando de novo a cavalo, se pôs a caminho de Toledo. Se não o corpo estava aliviado pela orgia, o espírito mantinha-se feroz, fustigado no seu odio e aos seus projectos de vingança.

Em Elvira, onde parou para passar a noite numa miserável pousada, soube por um vigário que o marquês de Mondejar partira para Valbado, levando a filha, e que o cavaleiro João de Padilla regressara a Toledo.

Desta vez, Santafério respirou a vontade: parecia afastado qualquer perigo imediato. Durante o momento, sentiu mesmo tentações de voltar directamente para o seu castelo, onde Oliver devia estar admirado da sua ausência. Mas já agora, a menos de uma jornada de Toledo, mais valia ir até ao fim da sua viagem.

A degenerescência dos testas coroadas

II

As raças reais degeneram pela incessante consanguinidade dos cruzamentos.

E a seguir o sr. dr. Julio Dantas apresentou um esquema, repellido eloquentemente as perguntas que formulou e no qual apresenta a marcha da degenerescência na dinastia de Avis, até à extinção da estirpe com D. Sebastião, misógino, epilético, psicopata, preguiça inerte, crivado dos esgismos somáticos da casa de Austria, "com suspeita de inabilidade para tener brios", dizia D. João da Silva, em carta a Filipe II, "demi-homme naturel", informava de Fournetianx a Catarina de Medici.

As raças reais degeneram pela acumulação da hereditariedade deformada pela incessante consanguinidade dos cruzamentos, agravada pela consanguinidade social e pelo tanto distanciado especial das finalidades dinásticas, acidentalmente braditéticas, leitais nas mutações vestidórias, querendo pouca a vida, e por conseguinte, intoxicada, nevrosada, paralisada.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

O neuro-asténico, diátese da realidade, agrava-se pela cruzamento constantes dentro da mesma família — dentro, por exemplo, dessa grande família trágica que foi a realza europeia do século XIV ao século XVI; — somam-se taras similares; atenuam-se progressivamente a resistência física da descendência, pervertem-se e explodem-se as energias embriagadas — e as raças reais, depois de produzirem nevrosadas, imbecis, epiléticos, loucos, moribundos, idiotas infantes, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratemas terminais.

mente celebre príncipe D. Carlos, idiota, asmiótico, hidrocefalo, com um homem mais alto e uma perna mais curta, crivado de esgismos psíquicos e somático de degenerescência. A filha de D. Carlos e de a epilepsia do D. Sebastião, extinguíram a família. D.º primeiro, digna carta confidencial, o embaixador de França em Madrid: "Nonobstant les recits a que ses medecins luy ont fait user pour le rendre habile d'epouser temine, jamais il n'auroit eu, et il le sait bien".

De segunda, o nosso D. S. bastião, afirmou o mesmo embaixador Du Fournetianx: "il est sans puissance d'homme".

O esquema da estirpe de Bragança é igualmente eloquente. A hereditariedade acumula-se nesta casa dual, com no todas as famílias dinásticas, pela consanguinidade constante dos cruzamentos em gerações sobre-postas. A partir do quarto d'que, o celebre D. Jaime, evidentemente um epilético, notando "de acidentes que o obrigam a longas curas", dia um biógrafo, "olhante del seu, q'os intervallos lo fueron continuos, ora de subita colera, ora de interminável melancolia", acrescenta frei Rídel de Jesus — a casa dual de Vila Vicosa desestruturou-se a uma verdadeira flicação do deus, de nevrosados e de loucos, que se vão cruzando sempre, sistematicamente, com os Medici Sidontas ou com primas e irmãs.

A degenerescência manifesta-se já na multiplicidade frequente, coincidente com a traca resistência físico-lógica dos produtos: dos dez filhos do sexto d'que e do D. Catarina, na primeira co-irmã, cinco são nados-mortes ou mortos de poucos annos, a duquesa de Escalona, é uma histérica; tres morrem do tuberculoso pulmonar antes dos 30 annos; só o primogénito, D. Teodósio, tipo admirável de imbecillidade dinástica, atinge uma idade mais avançada: D. João IV, dolico-longo, como quasi todas as Bragancas, mas grosseiro, obeso, gladio, robusto, reminiscencia bastarda das arqui-avós plebeias, cruza-se ainda com uma Medina Sidonia, deente, linática, sujeita a dermatoses. A descendência é típica: D. Teodósio, nevrosado, precoce intaxato, morre tuberculoso aos 19 annos; D.ª Joana tem horribes ataques de histeria e morre duca hemoptica, aos 17; D. Catarina, rainha de Inglaterra, esteril, pugnata, monstruosa, é o teratoma que os retratos celebres da Nacional Gallery de Londres perpetuam: tem delírio de perseguição, delírio terminal, fúria, por uma poliomielite infantil, talvez impletida, é o desagrado que o processo da Brichota tristemente revelou. D. Pedro II é o melhor dos genitos, mas sifiliza-se antes de gerar os filhos e morre, depois dum teratoma visceral intaxato, por motivo de um sístoma pleuro-pulmonar.

O esquema da estirpe de Bragança é igualmente eloquente. A hereditariedade acumula-se nesta casa dual, com no todas as famílias dinásticas, pela consanguinidade constante dos cruzamentos em gerações sobre-postas. A partir do quarto d'que, o celebre D. Jaime, evidentemente um epilético, notando "de acidentes que o obrigam a longas curas", dia um biógrafo, "olhante del seu, q'os intervallos lo fueron continuos, ora de subita colera, ora de interminável melancolia", acrescenta frei Rídel de Jesus — a casa dual de Vila Vicosa desestruturou-se a uma verdadeira flicação do deus, de nevrosados e de loucos, que se vão cruzando sempre, sistematicamente, com os Medici Sidontas ou com primas e irmãs.

O esquema da estirpe de Bragança é igualmente eloquente. A hereditariedade acumula-se nesta casa dual, com no todas as famílias dinásticas, pela consanguinidade constante dos cruzamentos em gerações sobre-postas. A partir do quarto d'que, o celebre D. Jaime, evidentemente um epilético, notando "de acidentes que o obrigam a longas curas", dia um biógrafo, "olhante del seu, q'os intervallos lo fueron continuos, ora de subita colera, ora de interminável melancolia", acrescenta frei Rídel de Jesus — a casa dual de Vila Vicosa desestruturou-se a uma verdadeira flicação do deus, de nevrosados e de loucos, que se vão cruzando sempre, sistematicamente, com os Medici Sidontas ou com primas e irmãs.

O esquema da estirpe de Bragança é igualmente eloquente. A hereditariedade acumula-se nesta casa dual, com no todas as famílias dinásticas, pela consanguinidade constante dos cruzamentos em gerações sobre-postas. A partir do quarto d'que, o celebre D. Jaime, evidentemente um epilético, notando "de acidentes que o obrigam a longas curas", dia um biógrafo, "olhante del seu, q'os intervallos lo fueron continuos, ora de subita colera, ora de interminável melancolia", acrescenta frei Rídel de Jesus — a casa dual de Vila Vicosa desestruturou-se a uma verdadeira flicação do deus, de nevrosados e de loucos, que se vão cruzando sempre, sistematicamente, com os Medici Sidontas ou com primas e irmãs.

O esquema da estirpe de Bragança é igualmente eloquente. A hereditariedade acumula-se nesta casa dual, com no todas as famílias dinásticas, pela consanguinidade constante dos cruzamentos em gerações sobre-postas. A partir do quarto d'que, o celebre D. Jaime, evidentemente um epilético, notando "de acidentes que o obrigam a longas curas", dia um biógrafo, "olhante del seu, q'os intervallos lo fueron continuos, ora de subita colera, ora de interminável melancolia", acrescenta frei Rídel de Jesus — a casa dual de Vila Vicosa desestruturou-se a uma verdadeira flicação do deus, de nevrosados e de loucos, que se vão cruzando sempre, sistematicamente, com os Medici Sidontas ou com primas e irmãs.

O esquema da estirpe de Bragança é igualmente eloquente. A hereditariedade acumula-se nesta casa dual, com no todas as famílias dinásticas, pela consanguinidade constante dos cruzamentos em gerações sobre-postas. A partir do quarto d'que, o celebre D. Jaime, evidentemente um epilético, notando "de acidentes que o obrigam a longas curas", dia um biógrafo, "olhante del seu, q'os intervallos lo fueron continuos, ora de subita colera, ora de interminável melancolia", acrescenta frei Rídel de Jesus — a casa dual de Vila Vicosa desestruturou-se a uma verdadeira flicação do deus, de nevrosados e de loucos, que se vão cruzando sempre, sistematicamente, com os Medici Sidontas ou com primas e irmãs.

O esquema da estirpe de Bragança é igualmente eloquente. A hereditariedade acumula-se nesta casa dual, com no todas as famílias dinásticas, pela consanguinidade constante dos cruzamentos em gerações sobre-postas. A partir do quarto d'que, o celebre D. Jaime, evidentemente um epilético, notando "de acidentes que o obrigam a longas curas", dia um biógrafo, "olhante del seu, q'os intervallos lo fueron continuos, ora de subita colera, ora de interminável melancolia", acrescenta frei Rídel de Jesus — a casa dual de Vila Vicosa desestruturou-se a uma verdadeira flicação do deus, de nevrosados e de loucos, que se vão cruzando sempre, sistematicamente, com os Medici Sidontas ou com primas e irmãs.

O esquema da estirpe de Bragança é igualmente eloquente. A hereditariedade acumula-se nesta casa dual, com no todas as famílias dinásticas, pela consanguinidade constante dos cruzamentos em gerações sobre-postas. A partir do quarto d'que, o celebre D. Jaime, evidentemente um epilético, notando "de acidentes que o obrigam a longas curas", dia um biógrafo, "olhante del seu, q'os intervallos lo fueron continuos, ora de subita colera, ora de interminável melancolia", acrescenta frei Rídel de Jesus — a casa dual de Vila Vicosa desestruturou-se a uma verdadeira flicação do deus, de nevrosados e de loucos, que se vão cruzando sempre, sistematicamente, com os Medici Sidontas ou com primas e irmãs.

O esquema da estirpe de Bragança é igualmente eloquente. A hereditariedade acumula-se nesta casa dual, com no todas as famílias dinásticas, pela consanguinidade constante dos cruzamentos em gerações sobre-postas. A partir do quarto d'que, o celebre D. Jaime, evidentemente um epilético, notando "de acidentes que o obrigam a longas curas", dia um biógrafo, "olhante del seu, q'os intervallos lo fueron continuos, ora de subita colera, ora de interminável melancolia", acrescenta frei Rídel de Jesus — a casa dual de Vila Vicosa desestruturou-se a uma verdadeira flicação do deus, de nevrosados e de loucos, que se vão cruzando sempre, sistematicamente, com os Medici Sidontas ou com primas e irmãs.

O esquema da estirpe de Bragança é igualmente eloquente. A hereditariedade acumula-se nesta casa dual, com no todas as famílias dinásticas, pela consanguinidade constante dos cruzamentos em gerações sobre-postas. A partir do quarto d'que, o celebre D. Jaime, evidentemente um epilético, notando "de acidentes que o obrigam a longas curas", dia um biógrafo, "olhante del seu, q'os intervallos lo fueron continuos, ora de subita colera, ora de interminável melancolia", acrescenta frei Rídel de Jesus — a casa dual de Vila Vicosa desestruturou-se a uma verdadeira flicação do deus, de nevrosados e de loucos, que se vão cruzando sempre, sistematicamente, com os Medici Sidontas ou com primas e irmãs.

O esquema da estirpe de Bragança é igualmente eloquente. A hereditariedade acumula-se nesta casa dual, com no todas as famílias dinásticas, pela consanguinidade constante dos cruzamentos em gerações sobre-postas. A partir do quarto d'que, o celebre D. Jaime, evidentemente um epilético, notando "de acidentes que o obrigam a longas curas", dia um biógrafo, "olhante del seu, q'os intervallos lo fueron continuos, ora de subita colera, ora de interminável melancolia", acrescenta frei Rídel de Jesus — a casa dual de Vila Vicosa desestruturou-se a uma verdadeira flicação do deus, de nevrosados e de loucos, que se vão cruzando sempre, sistematicamente, com os Medici Sidontas ou com primas e irmãs.

O esquema da estirpe de Bragança é igualmente eloquente. A hereditariedade acumula-se nesta casa dual, com no todas as famílias dinásticas, pela consanguinidade constante dos cruzamentos em gerações sobre-postas. A partir do quarto d'que, o celebre D. Jaime, evidentemente um epilético, notando "de acidentes que o obrigam a longas curas", dia um biógrafo, "olhante del seu, q'os intervallos lo fueron continuos, ora de subita colera, ora de interminável melancolia", acrescenta frei Rídel de Jesus — a casa dual de Vila Vicosa desestruturou-se a uma verdadeira flicação do deus, de nevrosados e de loucos, que se vão cruzando sempre, sistematicamente, com os Medici Sidontas ou com primas e irmãs.

O esquema da estirpe de Bragança é igualmente eloquente. A hereditariedade acumula-se nesta casa dual, com no todas as famílias dinásticas, pela consanguinidade constante dos cruzamentos em gerações sobre-postas. A partir do quarto d'que, o celebre D. Jaime, evidentemente um epilético, notando "de acidentes que o obrigam a longas curas", dia um biógrafo, "olhante del seu, q'os intervallos lo fueron continuos, ora de subita colera, ora de interminável melancolia", acrescenta frei Rídel de Jesus — a casa dual de Vila Vicosa desestruturou-se a uma verdadeira flicação do deus, de nevrosados e de loucos, que se vão cruzando sempre, sistematicamente, com os Medici Sidontas ou com primas e irmãs.

O esquema da estirpe de Bragança é igualmente eloquente. A hereditariedade acumula-se nesta casa dual, com no todas as famílias dinásticas, pela consanguinidade constante dos cruzamentos em gerações sobre-postas. A partir do quarto d'que, o celebre D. Jaime, evidentemente um epilético, notando "de acidentes que o obrigam a longas curas", dia um biógrafo, "olhante del seu, q'os intervallos lo fueron continuos, ora de subita colera, ora de interminável melancolia", acrescenta frei Rídel de Jesus — a casa dual de Vila Vicosa desestruturou-se a uma verdadeira flicação do deus, de nevrosados e de loucos, que se vão cruzando sempre, sistematicamente, com os Medici Sidontas ou com primas e irmãs.

O esquema da estirpe de Bragança é igualmente eloquente. A hereditariedade acumula-se nesta casa dual, com no todas as famílias dinásticas, pela consanguinidade constante dos cruzamentos em gerações sobre-postas. A partir do quarto d'que, o celebre D. Jaime, evidentemente um epilético, notando "de acidentes que o obrigam a longas curas", dia um biógrafo, "olhante del seu, q'os intervallos lo fueron continuos, ora de subita colera, ora de interminável melancolia", acrescenta frei Rídel de Jesus — a casa dual de Vila Vicosa desestruturou-se a uma verdadeira flicação do deus, de nevrosados e de loucos, que se vão cruzando sempre, sistematicamente, com os Medici Sidontas ou com primas e irmãs.

O esquema da estirpe de Bragança é igualmente eloquente. A hereditariedade acumula-se nesta casa dual, com no todas as famílias dinásticas, pela consanguinidade constante dos cruzamentos em gerações sobre-postas. A partir do quarto d'que, o celebre D. Jaime, evidentemente um epilético, notando "de acidentes que o obrigam a longas curas", dia um biógrafo, "olhante del seu, q'os intervallos lo fueron continuos, ora de subita colera, ora de interminável melancolia", acrescenta frei Rídel de Jesus — a casa dual de Vila Vicosa desestruturou-se a uma verdadeira flicação do deus, de nevrosados e de loucos, que se vão cruzando sempre, sistematicamente, com os Medici Sidontas ou com primas e irmãs.

UMA OBRA IMPORTANTE

Já foi anunciada na *Lanterna* a ideia da publicação da obra de H. Ch. Liu: «História da Inquisição na Idade Média», vertido para o português pelo nosso camarada dr. José Otília.

Não é necessário insistir sobre o valor dessa publicação. Ela põe nas mãos dos anticlericais, dos livres-pensadores, dos estudiosos da história, o melhor, o mais completo, o mais autorizado manual sobre o assunto. É um repositório admirável de factos autênticos onde poderá qualquer pessoa adivinhar episódios eloquentes, aterradoros, da acção social da Igreja no concernente à luta contra os heresjes.

Essa obra é um elemento formidável de campanha anticlerical e de estudo da história. A sua publicação constituirá um grande passo na propagação livre-pensadora do Brasil. A obra será publicada em fascículos de 600 páginas cada um e que será vendido a 200 réis. Isso permitirá à Liga Anticlerical distribuir uma tiragem de 10.000 exemplares. Para o primeiro fascículo é mister obter pelo menos três mil assinaturas.

Contamos com o auxílio dos livre-pensadores e anticlericais do Brasil.

Cada companheiro pode tomar dez assinaturas por 2.000, tendo direito ao primeiro volume de 600 páginas pronto para encadernar. É facultado a qualquer tomar o número de assinaturas que entender.

Os companheiros devem ter em mira que, quanto maior for o número de assinaturas tomadas mais depressa será publicado o primeiro fascículo. A Liga Anticlerical aceita, desde já, os pedidos, devendo cada companheiro enviar o seu nome, endereço e o número de fascículos que assina.

Toda a correspondência e pedidos de assinaturas, assim como dinheiro, devem ser endereçados ao companheiro MAXIMIANO DE MACEDO, RUA SETE DE SETEMBRO, 59, SOBRADO, RIO DE JANEIRO.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaúcho, onde a nossa propaganda estende-se, naturalmente, os seguintes correligionários:

Em Porto Alegre — Sr. Oldemir Carvalho, Ladeira 56-A;
Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argôlo, 366;
Em Jaguarão — Sr. Francisco V. rissimo Alves;
Em Bagé — Amantino O. Santos;
Em Rio Grande — Sr. Manoel José Pereira (Bijou da Moda).
Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

A "LANTERNA" NO RIO

é encontrada e vendida nos seguintes pontos:

CARV. CRITERIUM, largo do Rio, 39, Rua Salvador de 54, 48, esquina da rua Visconde de Sapucaia, engraxate. Rua da Assembleia, 39, esquina da rua do Carmo, engraxate.
Rua Gonçalves Dias, 78, agência do sr. Braz Lauria.
Avenida Passos, 122, engraxate.
Enxada Central, com o sr. Paschoa Mauro.
Largo da Lapa, 112, com o sr. Jeunário Breno.
Rua Uruguaiana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.
Rua Marçal Floriano Peixoto, 60, engraxate.
Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Carmo Compas.
Largo da Carioca, 30, com o sr. Paschoa Troie.
Rua Marçal Floriano, 226, engraxate.

MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS CRENTES

De Chacon Siciliani

Só com estudo e raciocínio se chega à verdade.

É um excelente livro de propagação anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma de parábola, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricolor.

Um volume de 112 páginas, 18700.

Biblioteca da "Lanterna,"

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados das respectivas importâncias.

Alegoria com o retrato de Francisco Ferrer, a 1\$000
Retratos de José Naks, cada um a 1\$500
Uma dúzia de postais anticlericais 1\$200

EM PORTUGUEZ

Relatório da Confederação Operária Brasileira sobre o 1.º e 2.º Congresso Operários Brasileiros 1\$200
Cantos Sociais (diversos autores) 1\$200
Almanaque de «A Aurora», para 1913 1\$500
Almanaque de «O Livro Pensador» 1\$800
Mareo A. Panc-ete, «Giordano Bruno» 1\$200
Pedro de Melo, «Sonho dantesco» 1\$200
Domingos Zupata, «As 67 célebres perguntas» 1\$200
I. A. Batelli, «O Livro da Verdade» 1\$500
José Augusto de Castro, «Mensagem da morte» (Poema anti-jesuitico) 1\$100
Ez. Pedro Guilherme Dias, «O que é o celibato» 1\$200
Natalan Pereira, «A educação religiosa» 1\$200
Eugênio Pelletan, «A Inquisição» 1\$200
Dr. N. Rouby, «O Sagrado coração de Jesus» 1\$200
Monsieur Silvestre de Chateaufrenard, «O celibato» 1\$200
Eliu Reclus, «Evolução, Revolução e Ideal Anarquista» 1\$500
Luiz Bulli, «Greve de Ventres» 1\$200
Brito Bittencourt, «Catecismo ateu» 1\$200
José Ribal, «Noli me tangere» 1\$600
Saturnino Barbosa, «Ensaio de critica racista» 1\$100
Ricardo Malatesta, «Programa socialista-anarquista-revolucionario» 1\$100
Ricardo Malatesta, «Entre camponeses» 1\$200
Neno Vasco, «Da Porta da Europa» 1\$250
Ricardo Malatesta, «Gíorgias» (ao trabalhador rural) 1\$100
B. Peres Galdés, «Electra» (drama anticlerical em 5 actos) 1\$100
Merza Botta, «O Papa Negro» 1\$200
Carlos Dias, «Semeando para colher» 1\$200
Guerra Junqueira, «A velhice do Padre Eterno» 1\$200
Pedro Kropotkin, «O comunismo anarquico» 1\$200
Chacon Siciliani, «Mentiras Divinas» (cartas aos crentes) 1\$700
Adolfo Lima, «O ensino da História» (1 to. de 63 pag.) 1\$400
«O Teatro na Escola» 1\$400

EM ESPANHOL

Francisco Gica, «Lo que entiendo por libre pensamiento» 1\$800
Por varios autores, «El romance anticlerical» (primeiro tomo) 1\$300
Pey Ordix, «El pueblo a la aristocracia» 1\$300
Ramon Chies, «A una madre» 1\$300
Potvin, «La democracia y la Iglesia» 1\$300
Edmundo Gonzalez, «La libertad de enseñanza» 1\$300
Por varios autores, «Sonetos Piosos» 1\$300

EM FRANCEZ

Jean Grave, «Si j'avais à parler aux électeurs» 1\$100
André Girard et M. Pierrot, «Le parlementarisme contre l'Alion Ouvrier» 1\$100
Pedro Kropotkin, «Le Salariat» 1\$200
E. Malatesta, «Entre paysans» 1\$300

EM ITALIANO

Romanzo di una donna, «Angelo Longarotti» 1\$500
Alceste de Ambriz, «L'Argentina e l'immigrazione Italiana» 1\$300
Antonio Labriola, «Del Socialismo» 1\$300
Gaetano Zibordi, «La historia de Federico» 1\$400
Ugo Iaco, «La politica ecclesiastica in Italia» 1\$300
Giovanni de Nava, «Delinquente e misticismo» 1\$200
F. Guarini, «Solo i socialisti» 1\$400
Luigi Campolongo, «Anno sindacale» 1\$300
G. Sgarbi, «Il Primo Maggio nella letteratura» 1\$400
G. D'Amato, «Ai ragazzi felici» 1\$200
Paul Adam, «Il figliuolo prodigo» 1\$200
Francesco Puoti, «Il dovere di organizzarci» 1\$200
F. Nicolini, «Il pane gratuito» 1\$200
Maximo Gorki, «L'intervista» 1\$600
Eliu Reclus, «I podroli dell'industria» 1\$200
Luigi Bafanelli, «I prodotti della terra» 1\$200
Paul Lafargue, «Il diritto all'ozio» 1\$200
Dott. G. C. C., «Guerra all'alcool» 1\$200
G. Pizzi, «Favole ed apologhi socialista» 1\$200
Oreste Ristori, «Polemiche sull'Anarchia» 1\$300
«Operai non bevete» 1\$100
Pietro Kropotkin, «L'agricoltura» 1\$200
E. De Amicis, «Il socialismo e l'egualianza» 1\$100
«Consigli e moniti» 1\$100
E. Vandervelde, «Le città d'oro» 1\$100
Costa Andrea, «Un sogno» 1\$100
C. Monticelli, «Il primo giorno del socialismo» 1\$100
«Lo sciopero» 1\$100
E. Ciacchi, «Ai contadini» 1\$100
«Le nostre leghe» 1\$100
Dott. Biel, «Il socialismo per tutti» 1\$100
O. G. Viani, «Abbecedario dell'economia sociale» 1\$200
G. Renard, «Agli studenti» 1\$100
Leopoldo de Fazio, «Cauzone vegetale» 1\$300
A. Valente, «Confessione socialista» 1\$300
G. Paoletti, «Primo Maggio» 1\$100
B. Carlanotoni, «Le istituzioni e la morale» 1\$100
Pieri e Cicotti, «Contro la marina militare» (discorsi) 1\$300
«Per la riunione delle spese militari» 1\$300
Ricoconto del 1.º Congresso dei lavoratori della terra 1\$200
Avv. Emilio Bossi, «Gesù Cristo non è mai esistito» 1\$200
Almanacco della Rivoluzione (1909) 1\$900

CAROLISMO AGUDO

Cura-se com duchas semanais da "Lanterna"

PASTA DENTIFRICIA HIGIENICA
garantida satisfação nova sobre o esmalte dos dentes

CARMEINE

(Formula do Dr. G. P.)

A CARMEINE é a melhor e dá alvura aos dentes sem usar nem alterar o esmalte.
A CARMEINE dá pureza e a mais agradável massa da dentifricia.
A CARMEINE é alcalina e antiseptica por si mesma.
A CARMEINE possui a vantagem de poder ser empregada com segurança.

Preço em caixas: 2. PRIMEIRO, 110, rua de S. Paulo, 110, J. AMARANTE & C.ª, BARUL & C.ª

A morte das úlceras

Com um específico importante ora descoberto

— PELA —

COMP. QUÍMICA TERAPEUTICA RADIUM

QUANDO? Hoje e sempre.
ONDE? Nas Farmácias e Drograrias.
QUEM? «SANAT-PLACA».
QUE É ISTO? Pomada.
QUE FAZ? Cura qualquer chaga ou ferida.
SO? Assombra com a cura aos que padecem desses males.

E tudo mediante a importância de 3\$000

Agora é que a Europa curvou-se ante o Brasil!!!

A pomada «Sanat-Placa» cura radicalmente e com eficácia: chagas, feridas, diarreias, eczemas e erisipelas crônicas ou recorrentes e sejam elas as mais refractarias. Analysada e licenciada pela Directoria Geral de Saúde Publica. Medicos, pharmaceuticos e particulares attestam espontaneamente sua efficacia. A mala bella das propagandas está sendo feita de uma forma invejavel pelas pessoas que a têm usado. Evitar as grosserias imitações. A venda em todas as farmácias e drograrias.

Laboratório: ESTACÃO SAMPAIO (E. de F. Central)

Depósito Geral: 114, RUA URUGUAYANA, 114 (1.º andar)

Companhia Chimica Therapeutica Radium

RIO DE JANEIRO (BRAZIL)

Deposítarios no Estrangeiro: PARIS: Gaston Triot, 61 Rue de Provence. LONDRES: Brother Winsler & Co., 51 Percy Street, W. S. — MILÃO: Giavani & C., 45, Via Roma.

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
ÁREA SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELEMZINHO)

Instituto de educação e instrução segundo o método racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo

Presentemente instalada em prédio que reúne as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n.º 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequência de alunos, cuja inscrição para a matrícula é feita mediante pagamento mensal de 3000 para os do cartilha e de 45000 para os mais adiantados. Faz parte do objectivo desta escola, também, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o método racionalista, e nesse propósito são realizadas pelo respectivo professor, todos os meses, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitativos escolares.

HORARIO

Aula diurna: das 11 ás quatro horas da tarde.
Aos sábados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete ás nove da noite, todos os dias, menos aos sábados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de português, arithmetica, geographia, historia e principios de ciencias naturaes. O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de accordo com as necessidades futuras e com a acceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Scientificamente ás famílias que se acha instalada no prédio da rua Oriente, 166 a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspícios do Comité pro Escola Moderna.

Esta Escola servir-se-ha do método inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na experimentação, nas affirmações scientificas e racionais, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — leitura, orthographia, grammatica, arithmetica, geometria, geographia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, de senso, etc.

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.
A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

ENTRE CAMPONESES

de Erico Malatesta

Preços, livreiro porte do Correio

500 exemplares 6\$000
300 4\$000
100 1\$500
50 7\$000
Avulso 200

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importâncias.

Engenho Starnato

Com Cilindros sem engrenagem para moagem de canna, com salvaguarda para evitar desastres. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente está se espalhando por este vasto país; já foram adquiridos por mais de 1400 fundadores que attestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante

RAFAEL STARNATO

Filial: Rua da Carioca, 59 — Rio de Janeiro.

Fundição e Mecânica: Rua do Cosmetico, n. 17 — S. Paulo.

Lotes de terrenos

EM SANTOS

Vende-se magnificos lotes de terrenos, com 5 metros de frente, por 32 de fundos, na rua Dr. Manoel Carvalhal e na Avenida da Abolição — com bonde de 100 réis a porta. Preço 750\$000 o lote. Verdadeira pedrinha!
Trata-se, em Santos, com o sr. Luiz Ratto, na rua do Rosario, 311.

FABRICA DE FUMOS BRAZ

FUNDADA EM 1889

Accusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de propoza. Seus productos, no conhecidos em todo o Estado

Ferreira & Comp.

Avenida Rangel Pestana, 60

— B. Paulo —

IDA E VOLTA

Enviam-se 100 deitos envelopes franco de porte, a quem remeter a quantia de 85000 a IRMÃO MA-SSETTI: Rua Brigadeiro Tobias, 44, 46 e 48 — S. PAULO.

NO PAIZ DOS FRADES

DE JOSÉ RIZAL

UM VOLUME DE 134 PAGINAS 8600

CATECISMO ATEU

Pelo correio:

100 12\$000
50 6\$500
25 3\$500
1 2\$00

Na redacção:

100 10\$500
50 5\$500
25 3\$000
1 2\$00

LA BATAILLE SYNDICALISTE

10, BOULEVARD MARGUET — PARIS
Interessante diario sindicalista revolucionario.

Colaboradores: Merheim, Monito, Harnel, Houdin, F. Delaid, James Ouillemont, Malato, Laisant, S. Fauré, Madalena Vernet, Griffuelhes, Jourdan, Tyvot, Vigné d'Octon, etc.

Um ano 31 francos

Meio ano 16\$50

3 meses 9

Coelho Liquido Halley

É o melhor e o mais barato Um colher de coelho basta para coagular em litros de leite.

Vendas conditionaes: se não for melhor do que qualquer outro existente no mercado accete-se o vidro mesmo vidrado.

DEPOSITO

Avenida Affonso Penna, 34

Bello Horizonte

A INQUISIÇÃO

Folheto de 82 páginas em que são relatadas as hediondas scenas que foram levadas a effecto nos autos do Santo Officio. Folheto utilissimo á nossa propaganda.

PREÇOS:

Um exemplar 200
10 exemplares 1\$500
50 6\$000
100 10\$000

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importâncias.